

CHRONICA NEUTRAL

A fronteira natural de Portugal com as nações estrangeiras é incontestavelmente, hoje, o nariz do sr. Veiga Beirão, e que elle o erga cavalheiramente como Cyrano de Bergerac, ou que lastimosamente o



deixe cahir, como Gonçalo de Cordova, assim os nossos destinos vacilam...

Estamos — d'isto não ha quem possa duvidar — pendentes do nariz do sr. Beirão, e sobre a situação do nariz do sr. Beirão, bem como sobre a nossa, em face das nações estrangeiras, achamo-nos perfeitamente edificados.

Já outro tanto não podemos comtudo dizer do sr. José Luciano de Castro, cuja opinião, pelo facto de ser a do chefe de governo, nos pareceu digna de ser consultada, n'este momento grave de eclipses de todo o genero; e por nos parecer assim, dirigimos-nos ao refugio em que sua ex.^a se encontra no Estoril e ahi encetamos com elle (ou com ella?) a seguinte util conversação:

— Pode v. ex.^a dizer-nos o que pensa da violação...

Immediatamente, sua ex.^a interrompeu, alarmado:

— Violação!... Eu não fui!... eu não vi!...



Nós proseguimos para o tranquilisar:

— Referimos-nos, ex.^{mo} sr., á violação de neutralidade que acaba de.

Mas sua ex.^a de novo nos interrompeu, sem se acalmar:

— On!^o!... Eu não fui... eu não vi...

Então, insistimos:

— V. ex.^a não pôde ignorar que foi...

N'um estado afflictivo, que profundamente nos perturbou, sua ex.^a não nos deixou proseguir. Objectou logo:

— Quem?... Eu?... Violação... Eu não fui... Eu não vi...

— Consinta v. ex.^a...

— Não senhor!... Não senhor!... Eu não fui... eu não vi...

— Permitta v. ex.^a...



— Eu não fui... eu não fui...

— Não foi, tornamos então após uma longa pausa, durante a qual sua ex.^a enxugou o suor, — não foi, demasiado o sabemos. V. ex.^a não estava em casa, v. ex.^a estava seguramente fóra, e foi durante a sua ausencia que se den o lamentavel acontecimento.

Repousou.

Nós proseguimos:

— Assim tambem, não desejamos que v. ex.^a nos diga como elle se passou. O que tão sómente ousamos pedir-lhe é que nos diga o que pensa...

Sua ex.^a repetiu assustado:

— Não sei... não sei...



— Sabe, sim! Então? um pouco de valor... duas palavras apenas... uma idéa. O que é, sr. conselheiro, diga-n'os, o que é a neutralidade?...

Sua ex.^a balbuciou:

— Neutralidade... neutralidade...

— Sim! A neutralidade... Repare v. ex.^a que é uma opinião em que pouco mais arrisca do que não ter opinião alguma. O que lhe pedimos é uma idéa neutra, uma idéa que nem seja peixe nem carne.

A fronte de sua ex.^a irradiou.

— Nem peixe, nem carne?...

— Sim! Nem peixe nem carne.

Então, recuperando o seu apurmo constitucional, sua ex.^a exhalou esta opinião:



— A neutralidade é carne... de porco.

E aqui está realmente o que é a neutralidade, que nem é peixe, nem carne. E' carne... de porco.

Por esse motivo, permittimos-nos tambem desde já consideral-a salgada.



A PARÓDIA nas festas do centenario da descoberta do Brazil

A exemplo do que fazem os jornaes de grande circulação, conseguimos ser representados nas festas do centenario da descoberta do Brazil, e não supponnos que o seriamos melhor do que pela pessoa idonea que acompanha, em sua missão extraordinaria, o general, sr. Francisco Maria da Cunha, ou seja a creada que sua ex.^a aggregou ao seu serviço, como camarada, para maior brilho da sua representação. Chama-se o nosso correspondente Maria do O... da Guarda, a quem recommendamos á solidariedade dos nossos collegas, os *engrossadores* do Rio de Janeiro.



Maria do O... da Guarda enviou-nos de bordo do cruzador o seguinte telegramma:

*Parodia - Lisboa.
Muito balanço. Patrão carga ao mar.
Bigode por pintar. Representação, se calhar... Tudo a vomitar. Viagem de estafar.*



Sua
O... da Guarda.

DE BORLA Theatro D'Amelia

Na noite da primeira dos *Degenerados*, notou algum que havia mais degenerados na plateia do que no palco. Notou tambem alguem que a traducção de Urbano se affastava sensivelmente do plano do *Francez sem mestre*, bastante adoptado nos ultimos tempos por alguns traductores... sem mestre.

Theatro da Trindade



O RAMERRÃO

DITOS

Informa a imprensa officiosa que os nossos credores externos chegaram a accordo com o sr. Madeira Pinto, resolvendo-se que o juro da divida seja augmentado progressivamente no periodo de quinze annos ao dobro do actual, isto é, o 3 por cento renderia 2 por cento em vez de 1.

Apenas, como compensação do resto em que não falam, os credores exigem a nomeação de tres representantes seus na Junta do Credito Publico.

Achamos bem, mas com esta pequena alteração: que a Junta passe a denominar-se — do Descredito Publico.

Na ultima reunião da assemblea geral da Associação dos jornalistas, tendo acabado de falar os srs. José Parreira e Petra Vian-



na, e cabendo a palavra ao sr. Mendonça e Costa, começou sua ex.^a n'estes termos, mas sem calembur:

— «Pedi a palavra, sr. Presidente, para responder a estes dois pontos...»

O *Portugal*, publicando uma ballada do sr. Santos Tavares, informa que essa poesia



é apenas um *échantillon* dos muitos meritos do auctor. Procurando o significado, encontramos, com elle, a ideia de um bello titulo para o novo livro de versos do joven poeta — *Amstras sem valor*.

Nossa Senhora, de cujo culto o sr. Alberto Pimentel está escrevendo a *Historia*, publicada a fasciculos, appareceu ha dias áquelle nosso collegu em S. Pedro d'Alcantara. O sr. Pimentel ouviu da bocca da Padroeira do Reino estas palavras:

— «Talvez te escreva. Entretanto, recebe a minha benção, bem como Guimarães, Libanio & C.^a, editores.»

Tudo se prepara, segundo referem os jornaes bem informados, para a organização de um novo monopolio — o do vidro, o que significa, bem de vêr, augmento consideravel no preço d'esse producto.

Agora, meus amigos, quem tiver telhados de vidro, que não atire pedras ao do visinho!



Portugal faz-se representar nas festas do centenario da descoberta do Brazil por um cruzador e por um general. Na volta, o cruzador entrará no quadro — do generalato; e o general entrará, para reparações, — no dique do Arsenal.



Achamos muito acertado.

FARIA

OU

As transformações do verbo "Fazer"

Tendo-se extraviado por motivos que não ousamos qualificar de politicos, para que não se diga que nos encontramos sob a acção da monomania das perseguições, o original da grande novella de aventuras que vimos publicando com estrepito sob o titulo *Faria, ou as transformações do verbo Fazer*, fomos forçados a interromper por algumas semanas a sua publicação. Mas, ao fazer a reconstituição do precioso original extraviado, não podemos reunir mais texto do que aquelle que inserimos hoje. Neste apuro, dirigimos-nos ao sr. visconde de Faria, elle proprio, que, como Robinson, se encarregará de futuro, não já de contar, mas de fabricar as suas proprias aventuras, que iremos illustrando á medida que ellas forem surprehendendo o mundo.

Assim, por exemplo, temos já a semana passada, o sr. visconde de Faria, visitando como Francisco 1.^o os *ateliers* de Paris e di-



rigindo palavras de estimulo aos artistas. Faria de *Protector das artes* é uma das suas transformações.

Vêl-o-hemos dentro em breve confundindo-se na multidão de testas coroadas que vão visitar Paris e passando — quem sabe? — pelo soberano d'estes reinos, o que até certo ponto é justo, porque se ainda não figura no Almanach de Gotha, já figura no orçamento como rei.

«... a grande, a generosa, a magnanima Inglaterra!»
(Discurso de 6 de abril, na camara dos deputados).



Gustavo

Um pão a dar manteiga!

VIOLAÇÃO DE NEUTRALIDADE

(A FACA E O QUEIJO)

A
ARODIA



— Então, venha de lá a faca?...
— Prompto, meu senhor!...



THEATRO DA RUA DOS CONDES



O Barril do Lixo



Medalha comemorativa do Centenario da descoberta do Brazil

Folhetim d'A PARODIA
ou Parodia de um Folhetim

FARIA

As transformações do verbo Fazer

CAPITULO VI

Continuação das aventuras
do verbo Fazer

Introduzido na diplomacia, o verbo *Fazer* passou a ser um verbo de exportação. Entrou no orçamento como n'um cai-xote e foi expedido para os confins do mundo, com esta etiqueta por fóra:

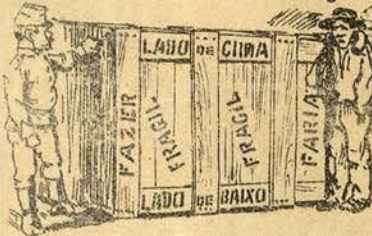
Fazer — inf. — **Faria** — cond.

Remette o Ministerio dos Negocios Es-trangeiros.

Lado de cima.

Lado de baixo.

Fragil.



Assim chegou, sem se partir, ao seu primeiro destino, e logo o armaram em con-

sul, para o que se revestiu de todas as pompas.

Foi o primeiro verbo consular de que as grammaticas poderam orgulhar-se. E' então que, sob as influencias de um cosmopolitismo extravagante, o verbo *Fa-zer* se multiplica e se transforma. Vamos encontral-o na pampa argentina,



de *gaúcho*, atirando o *laço*, acampando ao cahir das tardes junto das tendas e assando o *churrasco* á brasa viva. E' *Mazeppa*. E' *Buffallo-Bill*.

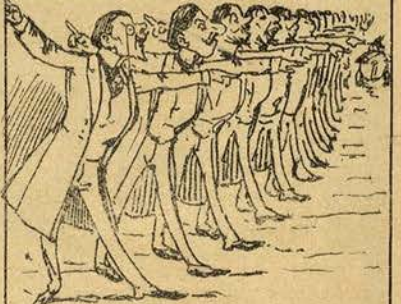


Do verbo *Fazer* começa-se a fazer tudo. Foi o verbo feito homem. E' o verbo feito lenda.

Nada o detem «na sua marcha vertigi-nosa» e a diplomacia começa a olhal-o de esclaio.



Quando as suas primeiras photographias chegam á Europa, velhos plenipotenciarios exclamam:—«Este verbo irá longel» e jovens secretarios da legação soltam os primeiros gritos de alarme:—«*faria*, eis o inimigo!»



O verbo *Fazer* dá que fazer. No Ministe-rio dos Negocios Estrangeiros murmura-se que é um verbo *feito*.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO



Modelo de estampilha para os novos impostos.



A RUA



A Policia desprevenida e o garôto de prevenção.

HOMENS DE LETTRAS



Homem de letras... verdadeiras.



Homem de letras... gordas.



Homem de letras... de cambio.



Homem de letras... falsas.



Homem de letras... protestadas.



Homem de letras... a receber.



Homem de letras... esmaltadas.

A LAGARTA NA COUVE



— Eu cá por mim... pf!...

PA PAREL BORGALLO PINHEIRO